

# ESTILOS PARENTAIS E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Maria Gabriela Ferreira da Silva <sup>1</sup>  
Lívia Braga de Sá Costa <sup>2</sup>  
Eloá Losano de Abreu <sup>3</sup>

## RESUMO

O desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes têm recebido cada vez mais atenção da Psicologia e da Educação. Considerando a importância de compreender esse desenvolvimento e seus desdobramentos no campo educacional, um dos aspectos que merece atenção é a compreensão de como as relações familiares impactam no desenvolvimento emocional das crianças e adolescentes. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi verificar como os estudos têm analisado a relação entre os estilos de socialização parental e o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes. Para tanto, foi feita uma revisão integrativa da literatura, através de buscas na base de dados Periódicos Capes, a partir dos descritores estilos parentais “AND” regulação emocional, e estilos parentais “AND” desenvolvimento emocional. A partir dos critérios de inclusão, foram selecionados seis artigos publicados no período de 2004 a 2024. Os resultados da revisão indicaram uma maior relação entre os padrões comportamentais positivos, presentes no estilo parental autoritativo, e o desenvolvimento emocional saudável, em comparação aos estilos indulgente, autoritário e negligente. Destaca-se a discussão sobre o estilo autoritário, que pode ser apontado como um fator protetivo em contextos de maior vulnerabilidade, em detrimento do estilo indulgente e negligente. Os estudos também apontam para a importância de considerar os aspectos individuais como o temperamento e a personalidade do indivíduo. Salienta-se a identificação de um conjunto de trabalhos de psicoeducação emocional com os pais e o papel essencial destes como correguladores em situações de desajuste emocional dos filhos. Por fim, as implicações da relação entre socialização parental e desenvolvimento emocional no contexto educacional são discutidas no trabalho.

**Palavras-chave:** Socialização Parental, Desenvolvimento Emocional, Educação Emocional.

## INTRODUÇÃO

Desde o nascimento, a emoção serve como um sistema de alerta essencial, operando, no início, como um sinalizador de mudanças importantes na pessoa e no ambiente. Conforme o indivíduo se desenvolve e amadurece, a emoção passa a ser

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [maria.ferreira.pc2020@gmail.com](mailto:maria.ferreira.pc2020@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [maria.ferreira.pc2020@gmail.com](mailto:maria.ferreira.pc2020@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [eloa.losano@academico.ufpb.br](mailto:eloa.losano@academico.ufpb.br);

elaborada por componentes cognitivos e avaliativos, passando a ser associada a diversas situações, e levando a uma atribuição de significado ao que está sendo vivenciado (Casanova; Sequeira; Matos e Silva, 2009). Assim, as emoções começam a moldar e a aprimorar o pensamento, e passam a ser gerenciadas a partir das demandas e das situações vivenciadas pela pessoa. De acordo com Mayer e Salovey (1997), a capacidade de gerar sentimentos acontece com planejamento, de modo que o indivíduo possa prever ou antecipar sentimentos que ajudem a tomar decisões futuras.

Assim, o desenvolvimento socioafetivo é um aspecto que merece atenção desde seus primeiros estágios. O surgimento das emoções mais complexas na criança parte das mais simples e primárias. As emoções primárias são inatas e fisiológicas, que surgem para atender as necessidades do indivíduo, entre elas estão a alegria, tristeza, medo, surpresa, desprezo, nojo e raiva. As emoções complexas, como orgulho, ciúme e culpa, são adquiridas socialmente e acionadas através de estímulos que são sensíveis ao organismo através da experiência humana (Damásio, 2000).

Ao longo do desenvolvimento, as crianças aprendem sobre raciocínio emocional ao relacionarem as emoções com situações e, à medida que crescem, também são capazes de reconhecer a existência de emoções complexas e contraditórias em certas circunstâncias. Na compreensão das emoções complexas, as emoções primárias e secundárias se misturam. Muitas vezes estados emocionais antagônicos (amor e ódio) se manifestam simultaneamente. É importante compreender que ocorre uma transição das emoções, reconhecer que uma emoção pode dissolver-se, modular-se, mudar de tonalidade e até mesmo de forma (Chabot; Chabot, 2005).

Os estudos sobre as emoções têm ganhado cada vez mais importância na Psicologia do Desenvolvimento, especialmente através do reconhecimento de que a capacidade de lidar com as emoções influencia diversos aspectos do desenvolvimento infantil. Nesse sentido, surgem modelos direcionados para compreender especificamente o desenvolvimento emocional. Destacam-se os estudos de Mayer e Salovey (1990), os primeiros a apontarem o conceito de Inteligência Emocional como um constructo a ser estudado de forma científica.

De acordo com estes autores, nem tudo que relaciona cognição com emoção é inteligência emocional. A emoção pode alterar o pensamento de muitas maneiras, mas não necessariamente tornar uma pessoa mais inteligente, por isso a inteligência emocional deve estar relacionada a capacidades emocionais ou mentais mais elevadas. A definição proposta pelos autores relaciona inteligência com emoção pois combina as ideias de que

a emoção faz pensar de forma mais inteligente e de que as pessoas pensam de maneira inteligente sobre suas emoções (Mayer; Salovey, 1997).

Dessa forma, a inteligência emocional pode ser definida como:

a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual” (Mayer; Salovey, 1997, p. 23).

A partir dessa definição, observa-se que existem quatro componentes principais no desenvolvimento emocional: a capacidade de percepção, avaliação e expressão da emoção; capacidade de rotular essas emoções; capacidade de compreender suas próprias emoções e emoções alheias e a capacidade de gerir as emoções de forma intrapessoal ou interpessoal (Chabot; Chabot, 2005).

Para estimular a inteligência emocional, é importante conhecer como se desenvolve a habilidade de regulação emocional. A regulação emocional abrange o conjunto de processos através dos quais o indivíduo modifica a sua emoção. Tal como salientam os autores Gross e Thompson (2007), a regulação emocional pode servir para modificar o tipo de emoção, a sua intensidade, duração, ou uma ou várias componentes dela, como a expressividade. As formas de regulação emocional podem consistir tanto no aumento como na atenuação das emoções, sejam elas positivas ou negativas, que vai depender do contexto da situação social para definir qual se torna mais adaptativa para ser apresentada no momento.

Existem diferenças interindividuais que fazem com que algumas crianças possam desenvolver estratégias de regulação emocional mais precocemente do que outras. As investigações realizadas revelam que esse desenvolvimento depende de algumas características da criança, como o temperamento, e do cuidador, que atua como um regulador essencial (Mikolajczak, Deseilles, 2012). É importante que esse cuidador tenha sensibilidade para detectar os sinais indiferenciados que demonstram as necessidades da criança, e que disponha igualmente de boas capacidades para regular as suas próprias emoções, a fim de emitir respostas adequadas de cuidado que atuem de forma efetiva no desenvolvimento da regulação emocional.

Quando algumas crianças crescem, os pais ensinam a expressar certos sentimentos e apresentam estratégias de controle emocional para que a criança aprenda que as emoções podem ser separadas do comportamento. Dessa forma, a criança aprende a se envolver com as emoções e a livrar-se delas no momento apropriado. No entanto, para

promover o crescimento emocional e intelectual, o controle reflexivo das emoções vai exigir uma abertura aos sentimentos. Para isso, as reações emocionais devem ser toleradas e até mesmo bem aceitas quando acontecerem, independente de quão agradáveis ou desagradáveis sejam. À medida que o indivíduo amadurece, os pensamentos passam a ocorrer como reflexões conscientes sobre reações emocionais, em oposição a simples percepções de sentimentos (Mayer; Salovey, 1990).

Sendo assim, a relação parental tem forte influência sobre o desenvolvimento das características emocionais nas crianças, e pode ser analisada a partir de elementos como o padrão de apego estabelecido com a criança e, principalmente, com os estilos de socialização parental (Papalia; Martorel, 2022).

O estudos dos estilos parentais iniciou com as pesquisas de Baumrind (1973), onde a autora identificou aspectos importantes que distinguiam os pais no seu relacionamento com os filhos: (1) as demonstrações de afeto ou de dedicação/sustentação, que variavam de muito afeto a total frieza, (2) as estratégias de disciplina ou controle, que diz respeito a clareza e consistência das regras, que podiam envolver explicações, persuasão e/ou punição (3) a qualidade das comunicações entre pai e filho, que variavam de grande atenção a exigências de silêncio e (4) as expectativas de maturidade, que eram evidentes no grau de responsabilidade e de autocontrole que eles exigiam. Em seu trabalho, a autora estabeleceu fortes associações entre cada estilo de parentalidade e um determinado conjunto de comportamentos infantis (Darling; Steinberg, 1993). Os três estilos de parentalidade encontrados pela autora foram a parentalidade autoritária, a permissiva e a competente ou democrática. Esse modelo foi amplamente estudado e posteriormente adaptado por Maccoby e Martin (1983), que estabeleceram quatro estilos de socialização parental: (1) autoritário, onde os pais são altamente exigentes com os filhos, priorizando o controle e a obediência, enfatizando o respeito pela autoridade e ordem, com pouca comunicação, especialmente no que se refere às emoções; (2) permissivo ou indulgente, caracterizado por pais que fazem poucas exigências aos filhos e buscam atender a qualquer impaciência que sintam, sendo geralmente dedicados, pouco controladores, carinhosos e comunicativos, demonstrando estarem sempre dispostos a ajudar; (3) autoritativo, que descreve os pais com altos índices tanto de controle e exigência de maturidade quanto de afeto, ou seja, embora sejam dedicados e compreensivos, também estabelecem limites e impõe normas claras a serem seguidas, demonstrando abertura para o diálogo e comunicação para atender às solicitações dos filhos, ao mesmo tempo em que estão dispostos a discipliná-los quando necessário para

corrigir algum mau comportamento apresentado; e (4) negligente ou não comprometido, onde os pais tem como característica uma monitoração deficiente e baixa demonstração de afeto, não se comprometendo com o controle do comportamento dos filhos e nem buscam construir relações de afeto com eles.

Diante do exposto, e considerando a importância das formas de interação parentais no desenvolvimento emocional das crianças, buscou-se verificar como os estudos atuais têm analisado essa relação, especificamente entre os estilos de socialização parental e o desenvolvimento emocional e da regulação emocional.

## **METODOLOGIA**

Como metodologia, foi adotada a revisão integrativa da literatura, que se caracteriza por avaliações críticas de materiais já publicados, considerando o progresso das pesquisas na temática abordada (American Psychological Association - APA, 2012). Assim, buscou-se responder a seguinte pergunta norteadora: “Qual a relação entre os estilos parentais e o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes?” A busca foi realizada utilizando a base de dados Periódicos Capes. Como critérios de inclusão foram estabelecidos trabalhos publicados em formato de artigos, nos últimos 20 anos (2004 – 2024), disponíveis gratuitamente na íntegra e que abordassem a relação entre parentalidade e desenvolvimento emocional de crianças ou adolescentes.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa a partir da composição dos termos *estilos parentais “AND” regulação emocional*, que resultou em apenas cinco resultados. Considerando o número baixo de artigos para revisão, foi realizada uma segunda busca, utilizando os termos *estilos parentais “AND” desenvolvimento emocional*, que obteve 28 resultados. A análise dos resumos considerou os resultados das duas buscas (33 artigos). Após essa etapa, foram excluídos 27 artigos, que não se encaixaram nos critérios de inclusão. Assim, a amostra final da revisão contou com seis artigos, que serão descritos na seção de resultados.

## **RESULTADOS**

O estudo de Mota e Ferreira (2019) buscou analisar o efeito dos estilos parentais no desenvolvimento das competências sociais e testar o papel mediador da personalidade nessa relação. Participaram do estudo 1976 adolescentes e jovens adultos da região norte de Portugal com idades entre 14 e 25 anos. Como resultados, verificou-se que o estilo parental autoritativo se associou positivamente com as competências sociais de empatia,

assertividade e autocontrole presentes nas características positivas de uma personalidade emocionalmente estável. Em contrapartida, o estudo encontrou que as atitudes parentais de controle e punição presentes no estilo autoritário ou o excesso de amparo e beneficiamento com ausência de limites do estilo indulgente promovem uma maior instabilidade emocional. No estilo autoritário, essa instabilidade emocional se relaciona com a dificuldade para o desenvolvimento das competências emocionais e o estabelecimento de relacionamentos sociais adaptativos do indivíduo. No estilo indulgente, embora os jovens tenham maiores chances de desenvolver competências sociais adaptativas, podem apresentar dificuldades em controlar os seus impulsos, serem imaturos e sem responsabilidade.

Pinto, Carvalho e Sá (2014) investigaram a relação que as dimensões parentais de suporte emocional, rejeição e tentativa de controle estabelecem com o nível de elaboração emocional das crianças. Participaram do estudo 64 crianças, de ambos os sexos, dos 3º e 4º ano de escolaridade, do ensino público e particular e cooperativo. Os resultados da pesquisa apontaram que crianças com um nível de elaboração emocional mais equilibrado costumam perceber maior apoio emocional dos pais e menos rejeição, em oposição às crianças que apresentam os outros níveis de elaboração emocional. Além disso, as crianças que se percebem como rejeitadas pelos pais apresentaram menos autoestima e confiança, considerados sentimentos essenciais para que elas possam lidar de maneira mais complexa com as demandas emocionais em diversas situações do dia a dia. Por fim, os resultados do estudo permitem inferir que as atitudes dos pais, como suporte, compreensão e diálogo com os filhos, promovem a expressão autônoma das emoções pelas crianças e incentivam a experimentação de estratégias de regulação emocional.

Laskoski<sup>1</sup>, Fernandes e Doria (2022) realizaram uma pesquisa com 462 adolescentes, entre 12 e 19 anos divididos em dois grupos: 219 adolescentes do Grupo Estudo, que estavam concluindo medidas socioeducativas, oriundos dos centros socioeducativos da cidade de Curitiba e região metropolitana; e 243 no Grupo Comparação, que eram adolescentes estudantes de escolas públicas. Nos resultados da pesquisa, os adolescentes do grupo de comparação avaliaram seus pais como mais exigentes em comparação aos pais dos adolescentes do grupo de estudo, que estavam envolvidos em atos infracionais, permitindo inferir que uma maior exigência parental pode estar associada a um menor envolvimento em comportamentos transgressores.

Resultado semelhante foi encontrado na revisão narrativa realizada por Justo, Carvalho e Kristensen (2014), que explorou os fatores internos e externos que

influenciam o desenvolvimento da empatia, enfocando principalmente os estilos parentais e o relacionamento entre pais e filhos. Os autores se apoiam na literatura de Zhou *et al.* (2002) que aponta o desenvolvimento da empatia se mostra como um importante fator de proteção contra os problemas de comportamento. Em síntese, os resultados trazidos pelo estudo de Justo *et al.* (2014) indicam que as práticas parentais como relação de carinho, incentivo, expressão moderada de emoção e estratégias positivas para lidar com o sofrimento do filho (focar-se na emoção ou no problema e estímulo para a criança expressar seus sentimentos) promovem o desenvolvimento de empatia. Essas práticas sugerem a criação de um ambiente familiar caloroso e receptivo, que contribui para o desenvolvimento das crianças, que por sua vez, desenvolvem compreensão emocional e capacidade de se colocarem no lugar do outro.

Cardoso e Quevedo (2021) realizaram uma revisão bibliográfica com o intuito de verificar se a realização de programas de psicoeducação com pais poderia trazer impactos no desenvolvimento emocional dos filhos. Nesse sentido, foi identificado que a aplicação de técnicas comportamentais apresentou resultados positivos nas habilidades sociais educativas parentais, assim como mudanças positivas nos filhos. Outros estudos evidenciaram correlações positivas entre práticas educativas parentais com expressão de sentimentos e habilidades sociais e as práticas negativas a problemas de comportamento. Além disso, verificou-se que os estilos parentais com afeto e controle adequado têm relação positiva com a competência acadêmica e o controle psicológico negativa com habilidades sociais. Em relação aos estilos parentais e os efeitos da exigência e responsividade adequadas nos filhos, a revisão identificou que a redução das práticas negativas e o aumento das práticas parentais positivas, a partir de programas de treinamento parental indicaram mudanças de comportamento parental e melhora nos comportamentos dos filhos, nas habilidades sociais, autorregulação das emoções, limites e gerenciamento dos comportamentos indesejáveis.

Por fim, Paula (2012) realizou uma revisão bibliográfica, destacando a importância dos estilos parentais na dinâmica familiar e como estes influenciam no desenvolvimento de competências emocionais e sociais de crianças e adolescentes. Como dimensões parentais, foram considerados o controle e a supervisão parental, destacando suas dimensões e impactos no desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes. No que se refere à regulação emocional, os resultados da revisão apontam que a resposta emocional dos pais às emoções expressas pelos filhos tem importantes consequências no desenvolvimento social e emocional das crianças, na regulação psicofisiológica, no



enfrentamento de desafios emocionais e na qualidade das amizades estabelecidas; e que crianças que são ignoradas pelos pais, ou recebem disciplina rígida e têm dificuldade de comunicação com eles apresentam menores índices de inteligência emocional. Isso pode levar a respostas desadaptativas aos problemas, tanto internos quanto externos. O estudo conclui que os pais desempenham um papel crucial na contenção e orientação dos jovens, proporcionando uma rede de segurança por meio de uma supervisão adequada. Nesse sentido, o estilo autoritativo se apresenta como o mais eficaz para o desenvolvimento emocional saudável, pois evita tanto a superproteção quanto a falta de disciplina.

## **DISCUSSÃO**

A partir da análise dos resultados dos seis artigos encontrados, podemos concluir que todos os artigos, tanto empíricos quanto teóricos, indicam a existência de uma influência dos estilos parentais no desenvolvimento emocional das crianças e adolescentes. Essa influência pode ser tanto positiva quanto negativa para esse desenvolvimento e também se diferencia a partir de outras características da própria criança, como o temperamento e a personalidade. Os estudos têm indicado, de maneira geral, que existe uma necessidade de estar atento aos estilos parentais como um importante fator para entender o desenvolvimento emocional das crianças.

No estudo de Mota e Ferreira (2019), percebeu-se que o estilo parental mais favorável ao desenvolvimento emocional foi o estilo parental autoritativo, que se associou positivamente a características positivas da personalidade como extroversão e abertura à experiência, consideradas como facilitadoras do desenvolvimento emocional, enquanto que os estilos parentais que tendem para o excesso de autoridade ou negligência, como os estilos autoritário e negligente, dificultam o desenvolvimento emocional, principalmente em crianças com características do neuroticismo.

A pesquisa descrita no artigo de Pinto *et al.* (2014), confirma o papel corregulador dos pais com relação ao desenvolvimento emocional dos filhos, ao pontuar que o processo de corregulação, em que o cuidador atua como mediador da regulação emocional da criança, ocorre de forma mais eficiente quando os pais apresentam maior disponibilidade afetiva e suporte emocional, presente em crianças que demonstraram níveis superiores da estratégia de equilíbrio emocional.

Merece destaque o estudo de Laskoski1 *et al.* (2022) sobre os estilos parentais e emoções morais de adolescentes envolvidos em atos infracionais, pois pontua em seus resultados a importância de que algumas particularidades do contexto podem mudar a



influência do estilo de socialização parental. O estilo autoritário, que é aparentemente um estilo menos favorável quando falamos de crianças em um contexto de desenvolvimento de menor vulnerabilidade, passou a ter um caráter mais protetivo em contextos de maior vulnerabilidade de acordo com os resultados do estudo. Segundo o artigo, nestes contextos mais vulneráveis, os estilos negligente e indulgente assumiram o um papel que tende a ser mais prejudicial do que o estilo autoritário.

No entanto, consideramos que não devemos inferir a utilização do estilo autoritário como mais favorável por seu caráter protetivo em contextos de vulnerabilidade sem levarmos em conta diversas outras características do contexto familiar ou social, que podem levar ao uso do estilo autoritário, como por exemplo, famílias que já têm o histórico de parentes envolvidos em atos infracionais ou de violência que podem influenciar esses adolescentes, sendo importante considerar múltiplos fatores que podem justificar o sucesso ou não da aplicação de tal estilo nos contextos de vulnerabilidade.

É interessante observar que o estudo sobre desenvolvimento da empatia em crianças de Justo *et al.* (2014) não fala diretamente sobre desenvolvimento emocional e regulação emocional. Entretanto, por considerar a empatia como sendo uma característica que depende de uma boa regulação emocional, os resultados da revisão de literatura confirmam o apego e vínculo emocional como importantes para o desenvolvimento emocional das crianças, inclusive com estudos longitudinais que mostram o impacto negativo de um estilo parental extremamente autoritário. Os estudos também confirmam que as características das crianças, como o temperamento extrovertido ou de inibição são fatores influentes no desenvolvimento de estratégias de regulação emocional.

Na revisão de Cardoso e Quevedo (2021), destaca-se a importância de estudos que mostram estratégias de intervenção que reconheçam a influência dos estilos parentais no desenvolvimento emocional, sendo essencial a realização de trabalhos que ajudem os pais a compreender esse impacto e a lidarem com essas situações de forma a favorecerem o desenvolvimento emocional dos filhos. Os estudos revisados evidenciaram correlações positivas entre práticas educativas parentais baseadas no afeto e controle adequados com expressão de sentimentos e habilidades sociais das crianças, além de uma associação entre as práticas parentais negativas e problemas de comportamento nos filhos.

Por fim, o artigo teórico de Paula (2012) traz estratégias de como lidar com as crianças, especificamente em situações de instabilidade e desajuste emocional, em um período em que a criança esteja passando por um momento de desregulação emocional, ao qual ela não consegue se regular sozinha. Assim como também aborda qual a forma e

o comportamento dos pais direcionado a essas situações específicas de regulação, e como isso pode influenciar posteriormente no desenvolvimento da criança. Desta forma, evidencia-se mais uma vez o papel dos pais como sendo correguladores do processo de desenvolvimento emocional da criança (Mikolajczak; Deseilles, 2012).

### **Considerações finais**

Considera-se que o presente trabalho traz contribuições importantes para o campo da educação, uma vez que a família e a escola são instituições que promovem o desenvolvimento humano e a socialização (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010). Alguns estudos apontam evidências de que uma boa parceria entre família e escola funciona como preditor de saúde, contribui para melhoras na aprendizagem e no desempenho acadêmico, além de prevenir problemas de comportamento, evasão e abandono escolar, favorecendo a inserção dos alunos no ensino superior (Epstein, 2011; Koutrouba; Antonopoulou; Tsitsan *et al.*, 2009; Polonia; Dessen, 2005; Xu, 2002; Bhering; Siraj-Blatchford, 1999; Cavalcante, 1998). Argumenta-se que, ao tomarem conhecimento sobre a relação entre os estilos de socialização parental e o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, as instituições educacionais podem fornecer subsídios para promoção de intervenções com as famílias, por meio da elaboração de cartilhas, palestras, mini-cursos e reuniões pais e mestres, com o objetivo de orientarem os pais sobre as melhores estratégias de socialização parental, contribuindo, assim, para o fortalecimento das relações família-escola-sociedade.

É importante apontar que como todo estudo, existem algumas limitações ou sugestões que podem ser feitas para estudos futuros, entre elas acrescentar trabalhos em inglês, que podem ampliar o número de resultados, muito embora seja importante termos artigos disponíveis em língua não inglesa para que mais pessoas possam ter acesso às informações produzidas cientificamente. Além de realizar também pesquisas futuras que possam utilizar um delineamento experimental ou quase experimental, ou estimular a realização de estudos longitudinais, que são a metodologia mais rica para análises de processo de desenvolvimento, embora sejam muito custosos e dispendiosos de serem feitos.

### **REFERÊNCIAS**

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Manual de publicação da APA (6.

ed). Porto Alegre: Penso, 2012.

BAUMRIND, D. The development of instrumental competence through socialization. In: **Minnesota symposia on child psychology**. University of Minnesota Press, 1973.

BHERING, Eliana; SIRAJ-BLATCHFORD, Iram. A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 106, p. 191-216, mar. 1999.

CARDOSO, T. J. W., QUEVEDO, R. F. **Psicoeducação das necessidades básicas emocionais aos pais/ cuidadores e relação com habilidades sociais**. Temas em Educ. e Saúde, Araraquara, v. 17, n. 00, e021004, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26673/tes.v17i00.14410>

CASANOVA, N., SEQUEIRA, S., MATOS E SILVA, V. **Alunos do 1º ano de Psicologia do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes**. Portugal: 2009. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0132.pdf>

CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. **Colaboração entre pais e escola: educação abrangente**. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998. <https://doi.org/10.1590/S1413-85571998000200009>

CHABOT, D., CHABOT, M. **Pedagogia emocional (sentir para aprender)**. Sá editora, 2005.

DAMÁSIO, A. **O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DARLING, N., STEINBERG, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>

EPSTEIN, J. L. (2011). **School, Family and Community Partnerships: preparing educators and improving schools**. Baltimore, Johns Hopkins University: Westview Press, 2011.

GROSS, J. J.; THOMPSON, R. **Emotion regulation: Conceptual foundations**. In: Gross, J. J. (ed.). Handbook of emotion regulation, p. 3-24. NY: The Guilford Press, 2007.

JUSTO, A. R., CARVALHO, J. C. N., KRISTENSEN, C. H. **Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais**. Psicologia, saúde & doenças, vol 15(2), p 510-523, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.15309/14psd150214>

KOUTROUBA, K.; ANTONOPOULOU, E.; TSITSAS, G.; ZENAKOU, E. An Investigation of Greek Teachers' Views on Parental Involvement in Education. **School Psychology International**, v. 30, n. 3, p. 311-328, 2009. <https://doi.org/10.1177/0143034309106497>

LASKOSKIL, L. M., FERNANDES, M. N, DORIA, G. M. **Estilos parentais e emoções morais de adolescentes em conflito com a lei**. Paidéia. Avaliação

Psicológica: v. 32, e3207. ISSN 1982-4327, 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3207>

MACCOBY, E. E., MARTIN, J. A. **Socialization in the context of the family: Parent-child interaction.** In E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (Vol. 4, pp. 1-102). New York: Wiley, 1983.

MAYER, J. D., SALOVEY, P. **What is emotional intelligence?** In P. Salovey & D. J. Sluyter (Eds.), *Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators* (pp. 3-31). New York: Basic Books, 1997.

MIKOLAJCZACK, M., DESSEILL, M. **Tratado de regulação das emoções.** (pp. 19-479) Lisboa: Edições Piaget, 2012.

MOTA, C. P., FERREIRA. Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos. **Análise Psicológica**, 37(3), 269-284, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14417/ap.1548>

OLIVEIRA, C. B., MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, 27(1), 99-108, 2010.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento Humano-14.** McGraw Hill Brasil, 2022.

PAULA, J. M. P. **Estilos parentais, inteligência emocional e o enfant terrible – relações, implicações e reflexões.** Revista de Enfermagem Referência. III Série - n.º 8, pp.155-162, 2012. <https://doi.org/10.12707/RIII1203>

PINTO, H. M., CARVALHO, A. R., SÁ, E. N. (2014). Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: Estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar. ISPA. **Análise Psicológica**, Vol.37 (4), p.387-400. <https://doi.org/10.14417/ap.844>.

POLONIA, Ana. da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das Relações entre Família e Escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 303- 312, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000200012>

SALOVEY, P., MAYER, J. D. **Emotional intelligence. Imagination, Cognition and Personality**, 9(3), 185-211, 1990. <https://doi.org/10.2190/dugg-p24e-52wk-6cdg>

XU, Fianzhong. Do early adolescents want family involvement in their education? Hearing voices from those who matter most. **The School Community Journal**, 2002.

ZHOU, Q., EISENBER, N., LOSOYA, S. H., FABES, R. A., REISER, M., GUTHRIE, I. K., MURPHY, B. C., CUMBERLAND, A. J., SHEPARD, S. A. (2002). The Relations of Parental Warmth and Positive Expressiveness to Children's Empathy-Related Responding and Social Functioning: A Longitudinal Study. **Child Development**, 73, 893–915, 2002. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00446>